

STAT

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release @ 50-Yr 2013/11/08 :

CIA-RDP74-00297R000601240008-4

Translation of Harkness stories on CIA

Published 24 August to 31 August 1955

By DIARIO DE NOTICIAS, leading daily of Lisbon, Portugal.

Declassified in Part - Sanitized Copy Approved for Release @ 50-Yr 2013/11/08 :

CIA-RDP74-00297R000601240008-4

O GRANDE SONHO DA C. I. A.

Situada numa propriedade de 25 hectares, a casa onde Dulles vive, em Washington, pertence à viuva do almirante Gary Grayson, médico particular do presidente Wilson, e foi edificada em 1815. As suas altas colunas cobertas de trepadeiras dão para a Wisconsin Avenue, uma das artérias mais animadas da capital, mas a casa está escondida da curiosidade publica por densa vegetação.

Do lado das traseiras há uma sucessão de terraços que descem até um grande labirinto de buxo. A casa e os jardins estão rodeados por bos-

arbustos. A senhora Dulles parou à porta com o contramestre e acabou por lhe dizer: «Esperemos que os arbustos floresçam, não acha?». Os trabalhadores continuam à espera de poder executar a tarefa de que foram encarregados...

Clover Dulles é uma mulher alta e esbelta, de um grande encanto. Não é insensível ao drama quotidiano que a rodeia e sabe reagir nos momentos em que o seu sentido do humor pode aliviar o fardo das responsabilidades que pesa sobre o marido. Se um acesso de gota o faz passar algumas noites em branco, atribui o facto aos excessos de boa mesa dos antepassados e lembra-lhe os «P e os M» que figuram com frequência no diário do avô missionário (foram necessários muitos anos para que a família descobrisse que o «P e o M» significavam no código secreto do autor «um dedo de Porto e de Madeira»).

O casal Dulles frequenta assiduamente as recepções oficiais oferecidas aos embaixadores estrangeiros por ocasião da visita de personalidades em evidência. Todavia, os Dulles aperfeiçoaram uma tática de «bom dia — até logo» que permite a Allen regressar a casa a tempo para os seus «rendez-vous» de serviço. Apresentam-se ostensivamente aos donos da casa e depois perdem-se entre os convidados e eclipsam-se por uma pequena porta.

O casal Dulles salta o muro do jardim da Embaixada espanhola, deixando boquiabertos os transeuntes

Foi assim que, deixando a recepção oferecida na embaixada de Espanha no Verão passado, em honra da filha do general Franco, se puseram a andar á inglesa.

Depois de atravessarem várias portas foram ter a um jardim rodeado de paredes que não tinha saída para a rua. «Apanharam-nos numa armadilha — exclamou Dulles. Só nos resta voltar para trás, deixar passar uns minutos, procurar os anfitriões e despedirmo-nos deles».

Clover Dulles não é mulher que se deixe facilmente intimidar. Mediu com o olhar a altura das paredes. «A coisa arranja-se» — disse. E numa das mais elegantes artérias de Washington a 16.ª rua, os transeuntes tiveram oportunidade de ver o director do C. I. A. e a sua esposa saltar o muro do jardim da embaixada de Espanha.

Dulles está sempre pronto a rir de si próprio. Eis um exemplo: o C. I. A. entende que um alto fun-

ca deve um correio do C. I. A. que to-

(ESPECIAL PARA O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS")

por RICHARD E GLADYS HARKNESS

ques sombrios onde piam mochos e abundam os coelhos bravos.

É aí que, depois da leitura dos volumosos relatórios que choveram durante o dia sobre o C. I. A. de todas as partes do mundo, Dulles gosta de passear á noite fumando a sua ultima cachimbada antes de ir para a cama.

Na ultima primavera, após uma inspecção do local, o C. I. A. enviou uma equipa encarregada de proceder ao corte dos silvados e dos

OS SERVIÇOS SECRETOS AMERICANOS

(continuado da 1.ª página)

«Vou um caminho completamente diferente, a val entregar no interesse do local de destino. Antes de partir para a Europa, para tratar pessoalmente de certo caso, Allen juntou em casa de um casal amigo de Washington e demorou-se a cavaquear. Ao retirar-se a dona da casa veio ao pé da porta da rua; dele apanhando-o já á porta da rua: «Allen — articulou, ainda ofegante — ouvi o que V. disse acerca dos seus papéis que devia guardar pelo preço da própria vida. E olhe o que lá deixará em minha casa.» Entrou-lhe então a pasta que ele trouxera.

«Apanhou-me! — respondeu Dulles aborrecido — já agora vou revelar-lhe um segredo». E abriu a pasta. Dentro havia dois jornais de Nova Iorque da véspera e uma camisa suja.

Dulles não consegue nunca evadir-se por completo do tenebroso mundo de intrigas no seio do qual passou a maior parte da sua vida.

Certa noite, Allen e Clover encontram-se no jardim da residência travada em Georgetown. Dulles generaliza na conversa sua parceria entregue aos seus pensamentos íntimos. Inesperadamente pôs-se de pé e deu um grito: «Olhem para além! Lá está!». E indicava, do outro lado da estrada, na janela onde uma luz excepcionalmente brilhante aparecia e desaparecia com breves intervalos — exclamou Dulles — alguém está a fazer sinais!»

Veio depois a apurar-se que a luz em questão vinha dum lampada desprovida de «abat-jour» suspensa do tecto da casa de banho — muito procurada — dum casa onde estava no auge uma ruidosa festa.

Polónia — primeiro de Setembro

Se os colegas de Dulles se riem muito com este incidente quase melodramático, não deixam por isso de considerar a vigilância exercida pela cada a vigilância exercida pelo homem que tem a responsabilidade da direcção do aperfeiçoamento e do êxito do Intelligence Service americano. *Antes do C. I. A. foi um fiasco da inteligência que permitiu aos japoneses planejar, sossegadamente, o seu traiçoeiro ataque a Pearl Harbour. Em 1950, o C. I. A., apenas com três anos de existência, foi logrado pelos comunistas Coreia do Sul mas, mais recentemente, pagou-lhes na mesma moeda no Extremo-Oriente.

O «Comitê Consultivo da Intelligence» previu, após as tréguas da Coreia, que Mao-Tse-Tung desferiria a sua próxima agressão sobre o Sudeste Asiático, auxiliando o Vietnã na Indochina.

Os altos funcionários americanos que tinham conhecimento dos relatórios do C. I. A. alarmaram-se quando o general francês Henri Navarre reuniu em Dien-Bien-Phu um grande contingente de tropas, na eventualidade dum cerco comunista. Navarre agia sem dúvida na convicção de que os «vermelhos» se infiltrariam na região dominada pela tropa, na eventualidade dum cerco. Contudo, o C. I. A. previa a possibilidade de um ataque a Dien-Bien-Phu. Os relatórios apresentados admitiam que a falta desse ataque marcado para o início das negociações de Genebra. Com efeito, na Coreia e nas condições semelhantes atingiram um ponto crítico em Pan-Mun-Jom, o inimigo orgânico de uma ofensiva, na esperança de poder representar na mesa da conferência o triunfo dum êxito militar recente. O C. I. A. previu o emprego da

mesma estratégia na Indochina, mas o seu aviso não foi tomado em conta. Assim, Navarre perdeu todas as suas forças e a tomada de Dien-Bien-Phu representou um grande triunfo para os comunistas, em Genebra. Cálculos demonstram a eficiência do sistema da Intelligence americana. Contudo, o C. I. A. tem apenas sete anos, enquanto o serviço Mudo dos Ingleses tem atrás de si trezentos anos de experiência, e de contínuidade no trabalho. A este respeito circula uma história do gênio Inteligente durante a primeira guerra mundial quando morreu, o filho sucedeu-lhe. Durante vinte e um anos Londres não voltou a ter notícias desses agentes. Mas no Verão de 1930 foi recebido pelo Intelligente Service uma mensagem que dizia: «Polónia primeiro de Setembro. Como se sabe, o ataque contra a Polónia, início da segunda guerra mundial, foi lançado por Hitler nesse dia. No grande livro da espionagem e da contra-espionagem, o K. G. B. russo tem todas as vantagens possíveis sobre o C. I. A. A «corrente de ferro» é uma barreira bem útil — em certas zonas atinge 245 quilómetros de profundidade — e a guarda zelosamente os segredos da Rússia. Para além desta barreira, protegida por minas lançadas, minas terrestres e cações polícias e vigiada por patrulhas de tropas fronteiriças — o M. V. D. mantém todos os cidadãos russos sob apertada vigilância.

Projectos de futuro

Todos os correspondentes da Agência Tass — a agência noticiosa oficial da Rússia — desempenham um duplo papel como agentes comunistas. Quer sejam homens de negócios, atletas, jogadores de xadrez ou estrelas de abajardes de cidadãos e cidadãs soviéticos, os cidadãos e cidadãs russos, em que deixam o solo da U. R. S. S. em missões benéficas — além acompanhados por membros da polícia secreta — devem relatar todas as conversas que mantêm com pessoas não comunistas. Nos Estados Unidos, o K. G. B. aspira as informações por intermédio das centenas de membros que fazem parte os 25.000 membros do Partido Comunista americano. Quanto ao processo de espionagem, o sistema russo é muito mais abrangente do que o americano. Pode-se mencionar de certas fachadas. Fede-se mencionar, por exemplo, o Conselho Municipal da Paz, nome alucinato adoptado pelos Buses para lançar o movimento de Espionagem a favor da Paz. O último «meeting» deste Conselho realizou-se em Viena, e o C. I. A. encontrou na capital austríaca, o resto dos 500.000 dólares gastos para financiar a reunião. Dulles estimou que as despesas feitas pelo Comunismo Internacional para sustentar estas fachadas devem oscilar por 2.000 milhões de dólares por ano.

Para o C. I. A., uma das mais felizes fontes de informações é o grande serviço de informações do Interior da Rússia sob a forma de publicações económicas, técnicas e científicas. Mas uma agente comunista, pelo preço de alguns centavos pode comprar no jornal do «New York Times», ou do jornal da Wall Street e ler na página final da qual se fazem informações americanas que obtiveram informações da Defesa Nacional para o fornecimento de armas, com todos os porquês e sobre as adjudicações.

O C. I. A. pagaria com prazer milhões de dólares por uma informação similar sobre a Rússia correspondente a que os «vermelhos» obtêm no quotidiano da esquerda por uma centena de dólares informações que interessam à segurança da América são, por vezes, guardadas para serem usadas virtualmente atrádas para as mãos dos Russos pelo Governo dos Estados Unidos. O subcomité do Senado para a Segurança Interior teve, há tempo, a demora reunida para discutir o relatório dum oficial do Serviço Espionagem, um tal John Paton Davies. O caso levava à volta dum instrução de Davies sobre o emprego, pelo C. I. A., de alguns comunistas ou simpatizantes. Ora, a cópia dos interrogatórios feitos durante a instrução foi publicada, incluindo os depoimentos de quatro funcionários do C. I. A. Dois deles eram, aliás, agentes secretos de grande valor, o que significa que, queimadas se suas «fachadas», deixaram de ser utilizados.

Da mesma forma, os actos do inquérito especial sobre o realismo do dr. Robert Oppenheimer foi um rico fonte de informações para os Comunistas, no que diz respeito aos projectos realizados por nós no campo gregos realizados por nós no campo gregos. Qualquer da bomba de hidrogénio. Qualquer pessoa pode obter o documento completo, que tem 982 páginas. Após um ano de estudo chegamos às seguintes conclusões:

— Dêem dez anos ao C. I. A. e o processo Inteligence atingirá ou ultrapassará em eficiência o celebre Intelligence Service Inglês. Em certos aspectos o C. I. A. é já superior.

O C. I. A. tem conhecimento de muita coisa que se passa além da cortina de ferro, mas não está satisfeta com os resultados obtidos.

— O C. I. A. merece toda a confiança do Congresso e do povo. — O trabalho da Intelligence é duplo. Os assuntos de espionagem e contra-espionagem assemelham-se à prospecção do petróleo. Quando o prospectador de perfurações abre nove poços a seguir, os socionistas da comunidade não aparecem petróleo; mas se o outro negro brotar à decena tentativa, todos os esforços feitos se justificam.

Uma mão estendida a tempo para galgar do comunismo países como a Guatimala e a Perú vale infinitamente mais do que o orçamento anual do C. I. A.

mesma estratégia na Indochina, mas o seu aviso não foi tomado em conta. Assim, Navarre perdeu todas as suas forças e a tomada de Dien-Bien-Phu representou um grande triunfo para os comunistas, em Genebra. Cálculos demonstram a eficiência do sistema da Intelligence americana. Contudo, o C. I. A. tem apenas sete anos, enquanto o serviço Mudo dos Ingleses tem atrás de si trezentos anos de experiência, e de contínuidade no trabalho. A este respeito circula uma história do gênio Inteligente durante a primeira guerra mundial quando morreu, o filho sucedeu-lhe. Durante vinte e um anos Londres não voltou a ter notícias desses agentes. Mas no Verão de 1930 foi recebido pelo Intelligente Service uma mensagem que dizia: «Polónia primeiro de Setembro. Como se sabe, o ataque contra a Polónia, início da segunda guerra mundial, foi lançado por Hitler nesse dia. No grande livro da espionagem e da contra-espionagem, o K. G. B. russo tem todas as vantagens possíveis sobre o C. I. A. A «corrente de ferro» é uma barreira bem útil — em certas zonas atinge 245 quilómetros de profundidade — e a guarda zelosamente os segredos da Rússia. Para além desta barreira, protegida por minas lançadas, minas terrestres e cações polícias e vigiada por patrulhas de tropas fronteiriças — o M. V. D. mantém todos os cidadãos russos sob apertada vigilância.

Todos os correspondentes da Agência Tass — a agência noticiosa oficial da Rússia — desempenham um duplo papel como agentes comunistas. Quer sejam homens de negócios, atletas, jogadores de xadrez ou estrelas de abajardes de cidadãos e cidadãs soviéticos, os cidadãos e cidadãs russos, em que deixam o solo da U. R. S. S. em missões benéficas — além acompanhados por membros da polícia secreta — devem relatar todas as conversas que mantêm com pessoas não comunistas. Nos Estados Unidos, o K. G. B. aspira as informações por intermédio das centenas de membros que fazem parte os 25.000 membros do Partido Comunista americano. Quanto ao processo de espionagem, o sistema russo é muito mais abrangente do que o americano. Pode-se mencionar de certas fachadas. Fede-se mencionar, por exemplo, o Conselho Municipal da Paz, nome alucinato adoptado pelos Buses para lançar o movimento de Espionagem a favor da Paz. O último «meeting» deste Conselho realizou-se em Viena, e o C. I. A. encontrou na capital austríaca, o resto dos 500.000 dólares gastos para financiar a reunião. Dulles estimou que as despesas feitas pelo Comunismo Internacional para sustentar estas fachadas devem oscilar por 2.000 milhões de dólares por ano.

Para o C. I. A., uma das mais felizes fontes de informações é o grande serviço de informações do Interior da Rússia sob a forma de publicações económicas, técnicas e científicas. Mas uma agente comunista, pelo preço de alguns centavos pode comprar no jornal do «New York Times», ou do jornal da Wall Street e ler na página final da qual se fazem informações americanas que obtiveram informações da Defesa Nacional para o fornecimento de armas, com todos os porquês e sobre as adjudicações.

O C. I. A. pagaria com prazer milhões de dólares por uma informação similar sobre a Rússia correspondente a que os «vermelhos» obtêm no quotidiano da esquerda por uma centena de dólares informações que interessam à segurança da América são, por vezes, guardadas para serem usadas virtualmente atrádas para as mãos dos Russos pelo Governo dos Estados Unidos. O subcomité do Senado para a Segurança Interior teve, há tempo, a demora reunida para discutir o relatório dum oficial do Serviço Espionagem, um tal John Paton Davies. O caso levava à volta dum instrução de Davies sobre o emprego, pelo C. I. A., de alguns comunistas ou simpatizantes. Ora, a cópia dos interrogatórios feitos durante a instrução foi publicada, incluindo os depoimentos de quatro funcionários do C. I. A. Dois deles eram, aliás, agentes secretos de grande valor, o que significa que, queimadas se suas «fachadas», deixaram de ser utilizados.

Da mesma forma, os actos do inquérito especial sobre o realismo do dr. Robert Oppenheimer foi um rico fonte de informações para os Comunistas, no que diz respeito aos projectos realizados por nós no campo gregos realizados por nós no campo gregos. Qualquer da bomba de hidrogénio. Qualquer pessoa pode obter o documento completo, que tem 982 páginas. Após um ano de estudo chegamos às seguintes conclusões:

— Dêem dez anos ao C. I. A. e o processo Inteligence atingirá ou ultrapassará em eficiência o celebre Intelligence Service Inglês. Em certos aspectos o C. I. A. é já superior.

O C. I. A. tem conhecimento de muita coisa que se passa além da cortina de ferro, mas não está satisfeta com os resultados obtidos.

— O C. I. A. merece toda a confiança do Congresso e do povo. — O trabalho da Intelligence é duplo. Os assuntos de espionagem e contra-espionagem assemelham-se à prospecção do petróleo. Quando o prospectador de perfurações abre nove poços a seguir, os socionistas da comunidade não aparecem petróleo; mas se o outro negro brotar à decena tentativa, todos os esforços feitos se justificam.

Uma mão estendida a tempo para galgar do comunismo países como a Guatimala e a Perú vale infinitamente mais do que o orçamento anual do C. I. A.

RICHARD e CLADYS HARKNESS

(Copyright Opera Mundi e «Diário

AS BATALHAS DA ESPIONAGEM

Há poucos homens mais temidos pelos comunistas do que Allen Dulles, o chefe supremo do Intelligence Service dos Estados Unidos.

Afigura-se-nos, por isso, interessante narrar algumas das mais esbarradas aventuras do «Rei dos Espiões», da América. Quando se encontra em casa, na sua biblioteca, mostra alguma na atitude repousada de Allen Dulles indica as suas relações com os espiões, os sabotadores e os finos cães policíacos.

Indivíduo vigoroso, de estatura atlética, trajando sem excentricidades, afunda-se na sua poltrona e fuma o seu cachimbo com o ar de alguém cuja única preocupação é vencer o seu melhor amigo ao golfe. Tem os cabelos grisalhos, a testa alta, os olhos azuis, um bigode que lembra vagamente o de Teddy Roosevelt e um sorriso acolhedor. As estantes, que sobem até ao tecto, estão carregadas de espessos volumes de história mundial, de economia política, de banca internacional e de direito. Extremamente bem educado, Dulles é um profissional feliz em matéria de negócios.

O seu á-vontade, a sua dignidade e a sua autoridade são as de um homem de sessenta anos que aprecia a paz a que tem direito. O seu riso

sonoro enche a sala enquanto conta a história do cachimbo de argila que se vê em cima da secretária: um cachimbo para opio que conserva como recordação duma visita feita, com vários camaradas de curso, a uma casa de opiomanos, por ocasião duma viagem à China.

Os colegas de Dulles puseram-lhe a alcunha de «Rei dos Espiões», palavras que desmentem as suas maneiras francas e o seu sorriso cativante. No entanto, a sua carreira, traçada no decurso dos últimos quarenta anos, dá ao grande público a imagem dum homem de ferro, intransigente, perseverante e que tem prazer em se medir com um inimigo invisível e vocação para tal.

Depois da segunda guerra mundial, Dulles foi condecorado com a medalha «Para o Mérito», — a mais alta distinção que o nosso Governo pode conferir a um civil — acompanhada da seguinte citação do presidente Truman, relativa às suas proezas como agente O. S. S. em serviço em Berna, de 1942 a 1946:

«No espaço de um ano o sr. Dulles conseguiu montar uma rede de espionagem, com centenas de informadores e de agentes e que cobre a Alemanha, a Jugoslavia, a Checoslováquia, a Bulgária, a Hungria, a Espanha, Portugal e a África do Norte... Entre os êxitos mais notáveis do sr. Dulles, contam-se os seus primeiros relatórios — desde Maio de 1943 — sobre a existência dum laboratório experimental alemão em Peenemünde, destinado a ensaios de uma bomba-foguete; o seu relatório sobre a submersão das zonas costeiras belgas e holandesas muito antes que informações similares chegassem de outras fontes; o seu relatório sobre as instalações de partida dos foguetões que atravessavam o estreito de Calais; e os seus relatórios sobre as perdas infligidas pelas

(ESPECIAL PARA O "DIÁRIO
DE NOTÍCIAS")

por RICHARD E GLADYS
HARKNESS

forças aéreas aliadas ao inimigo após os raids, sobre Berlim e outras cidades alemãs, italianas e balcánicas.

Esta linguagem positiva esconde uma série de episódios de espionagem vividos que nenhuma ficção poderia igualar. Centro de intrigas dos serviços secretos durante a guerra, Berna era então uma cidade neutra infectada de agentes de todas as nações e de engenhosos planos

OS SERVIÇOS SECRETOS AMERICANOS

(Continuação da 1.ª página)

para atravessar e tornar a atravessar as fronteiras da Alemanha, da França, da Itália e dos países balcânicos. Dificuldades que procuravam vencer, embaraços, emissões de pilas para sabotar a acção dos próprios governos, espionagem de contra-espionagem, toda essa gente se espiava mutuamente, nos parques, nos cafés, nos grandes blocos de apartamentos. John Berna, Dulles trabalhava num apartamento dum parlacete do século XV. Uma porta com uma campainha dava para um pátio medieval com vista para o rio Aar. A entrada, um cartão de visita identificava o ocupante como sendo Allen W. Dulles, assente especial do ministro dos Estados Unidos.

A caminho da consagração

Entre os antigos mais antigos Dulles era muito conhecido por «Alto das Berlimonas». Em todas as reuniões mundiais a que assistia, Allen saltava muito cedo para ir embora, mas o seu nome não saía jamais ao telefone para Washington, só depois de seu dia principal de trabalho.

Desta noite teve um arrendo-vouso com um homem a quem chamavam George Wood. Na realidade, esse George Wood era funcionário do Bureau Alencão, mas o Departamento em Berlim. Nos dois anos que se seguiram a sua entrada foi encarregado de preparar mais de 2.000 cópias de documentos para a imprensa.

Quando Dulles foi posto no controle da emissão, na Embaixada de Dublin dum emissor de rádio clandestino, que servia para ligar os serviços americanos contra os transportes marítimos dos Aliados. Foi esse George quem revelou os planos de desembarque e a sua missão em grande conjunto com tropas americanas a Marinha Britânica. Depois, pôde avaliar rapidamente a situação. Foi nesse momento que Dulles foi enviado para a segunda guerra mundial — o agente mais conhecido do Departamento de Estado na Alemanha nazista, na França e na Itália.

Se Dulles tinha razão para duvidar de si mesmo, que se previesse a esse respeito a sua superioridade não tardou a revelar-se. Como chefe de uma divisão de duplicação de documentos para a Alemanha, foi encarregado de preparar documentos para a Alemanha — documentos que eram enviados para a Alemanha — documentos que eram enviados para a Alemanha — documentos que eram enviados para a Alemanha.

Para transmitir essas informações, Dulles tinha utilizado outros métodos. Além disso, Gherardo, irmão de Dulles sempre ao corrente da evolução das discussões, contava com a ajuda de uma rede de informantes e de uma rede de informantes. Além disso, Gherardo, irmão de Dulles sempre ao corrente da evolução das discussões, contava com a ajuda de uma rede de informantes e de uma rede de informantes.

Como a expectativa da segunda guerra mundial continuava a ser muito alta, a expectativa da segunda guerra mundial continuava a ser muito alta, a expectativa da segunda guerra mundial continuava a ser muito alta.

Aos oito anos Allen escreveu um livro de que venderam milhares de exemplares

O livro «The Secret Wars» (As Guerras Secretas) de Allen Dulles, publicado em 1954, vendeu milhares de exemplares. O livro conta a história da sua vida e da sua carreira no Departamento de Estado.

Allen Dulles, nascido em 1893, foi um dos membros mais importantes do Departamento de Estado durante a Segunda Guerra Mundial. Foi chefe da missão diplomática americana na Alemanha nazista e na Itália durante a guerra. Depois da guerra, foi chefe do Departamento de Estado durante a Guerra Fria.

não teria escrito algum livro ou tratado. Ora, com esta narração sua leitura, Allen W. «The Secret Wars» (As Guerras Secretas). Era uma referência aos dois jovens diplomatas notáveis e consagrados — os irmãos Dulles. Allen completa 65 os seus setenta e cinco anos. Depois de ter estado no Departamento de Estado durante a Segunda Guerra Mundial, em Berlim, depois de ter estado em Viena, depois de ter estado em Berlim, depois de ter estado em Viena.

Fora convidado a assistir com um jornalista de aspecto especial, um homem de bem e de olhos azuis, chamado Allen Dulles. Allen Dulles declarou que o convite foi indicado dos seus superiores. Allen Dulles declarou que o convite foi indicado dos seus superiores.

Trabalhando pela primeira vez, havia participado, Allen entrou para a lista dos diplomatas de guerra de Allen Dulles. Allen Dulles declarou que o convite foi indicado dos seus superiores.

RICHARD e GLADYS HARKNESS
(Copyright Opera Mundi e «Editorial de Notícias»)

Diário de Notícias
30 Aug 1955

SECRETOS SECRETOS SECRETOS (S)

A Q U E D A DE MOSSADEGH

FOI PREPARADA POR ALLEN DULLES

— Que especie de vida levam as mulheres dos agentes do C. I. A.?

— Se a mulher — respondemos — ja foi agente, ela própria — o que nada tem de extraordinário, pois são até, entre o pessoal, frequentes os casamentos — não estranha as viagens subitas ou os afazeres imprevisíveis do marido. Mas se duma esposa não iniciada se trata, então é muito possível que faça algumas cenas, quando o marido lhe não dê explicações acerca de tais andanças misteriosas, ou quando ele mesmo lhe não diga o que faz no escritório

— C. I. A. coopera com os movimentos anticomunistas, de forças livres ou de resistentes, nos países satélites da Russia, e em nações ameaçadas pela subversão vermelha?

— Além da sua rede de espionagem — respondemos a estoutra pergunta — e da sua secção de estudos e trabalhos técnicos, dirige uma Terceira Força superclandestina, cuja actividade ultra-secreta consiste em auxiliar e encorajar o patriotismo dos povos cativos ou em vistas de cativo, para que ele possa eclodir no momento dado, á mais pequena fagulha.

Num país satélite, em que os operários começavam a protestar contra a baixa de salários e o aumento das horas de trabalho, por imposição dos vermelhos, um agente especializado na técnica da organização de greves fez desencadear uma porção delas temerosas.

Noutro desses países, onde o movimento anticomunista é restrito, mas audacioso, outro agente do C. I. A., foi, com um pequeno grupo de sabotadores, dar um passeio até perto duma ponte, por onde passava a principal via férrea de abastecimento dos vermelhos. Ali, pela calada da noite, o chefe desse grupo clandestino limitou-se a colar um pedacinho de plástico explosivo no pilar-mestre da referida ponte. E fez aquilo tão naturalmente como qualquer menina que, num cinema, colasse ás costas da cadeira da frente, o seu «chewing-gum». No dia seguinte, a Imprensa do país, toda eia regida ou fiscalizada pelos vermelhos, pedia em altos brados que se prendessem «os elementos estrangeiros e os seus cúmplices, que tinham praticado mais um crime contra a segurança do Estado», visto que haviam destruído, na véspera, «uma ponte do povo».

Também, ultimamente, os com-

vêm com uma porção de sacos de areia, empilhados nos resguardos da frente — á maneira antiga — em precaução que prova estarem, ou poderem estar, as vias importantes minadas, com vista ao descarrilamento das máquinas.

No Egipto os comunistas estavam a aproveitar-se do regime dissoluto

(ESPECIAL PARA O 'DIÁRIO DE NOTÍCIAS')
por RICHARD E GLADYS HARKNESS

do rei Faruk. Hábeis agentes políticos americanos, por sua vez, estavam na posse de todos os elementos necessários para fomentar um movimento militar a favor dos Estados Unidos, e quando chegou o momento propício induziram os chefes desse movimento a fazê-lo, indicando-lhes a maneira

(Continua na 5.ª página)

A MORTE

PARA A FALTA MAIS INSIGNIFICANTE

O moço tenente Smith, quando regressou à pátria, depois da primeira guerra mundial, pediu que lhe dessem um lugar permanente no S. 2, Serviço de Informações do Exército. Por essa altura, a missão de obter informações era, em grande parte, exercida pelos adidos militares das nossas embaixadas no estrangeiro, que se limitavam, geralmente, a tomar conhecimento das novidades em curso nos meios mundanos.

Quando Smith fez o seu pedido de admissão no S. 2 perguntaram-lhe que rendimentos pessoais tinha. Respondeu que apenas vivia do seu soldo — 166 dólares mensais.

Foi admitido e não tardou, considerando a valer o trabalho da «Intelligence», a executá-lo, como actividade de uma verdadeira carreira que ele exercesse, de alma e coração.

— O meu labor mais importante — disse, um dia, quando era director do C. I. A.—é o de procurar, e encontrar, as cabeças melhores do país e persuadi-las de que devem abandonar nome e fortuna por uma tarefa do Estado, onde ficarão transidas, muitas vezes, perante segredos... que nem á sua própria mulher podem contar. Além disso, ainda têm de ser convencidos—os donos dessas cabeças—de que nunca nos devem

agente do C. I. A. não pode ter a pretensão de vir a ser um herói. O que mais pode conseguir, em prémio dos seus esforços, é uma pequena menção de haver feito «bom trabalho», mas registada... num registo secreto.

(Continua na 4.ª página)

(ESPECIAL PARA O "DIÁRIO
DE NOTÍCIAS")

por RICHARD E GLADYS
HARKNESS

abandonar, mesmo quando em face daquelas decepções e daquelas injustiças das quais terão, com frequência, de se queixar. Os serviços da

OS SERVICOS SECRETOS AMERICANOS

(Continuado da 1.ª pagina)

Duêes estere a brança com as mesmas dificuldades.

O problema que tinha mais custo de resolver — disse — também — era o de encontrar pessoal competente. Além disso, apenas podíamos pagar, e só a algumas pessoas, como soldo mínimo, 14.800 dólares por ano. E poucas podiam conseguir visto as nossas precises respaldavam a umas classes de indivíduos que obtinham facilmente, na industria privada, só a 100 mil dólares anuais.

Levi é a meca, mas com firmeza, Duêes foi procurando, e conseguindo, pessoas de alta qualidade para ocupar as escales mais elevadas do «Intelligence Service» — agentes de que os Ingêles mais se orgulham durante os treinos e tantos anos de existencia do seu «Service Mast».

Treino severo

Passado este periodo ainda eliminado e que, por assim dizer, começa a verdadeira prova de candidatura ao C. I. A. 10% do trabalho de «Intelligence» não tem de ser feito nas sedes dos centros de treino, mas sim em locais onde se dá o treino.

Para o seu pessoal de agentes em cartado o C. I. A. recebe muitos elementos em universidades e escolas superiores, por meio dum processo de que nem se dão conta os estudantes, escolhidos previamente para serem, no momento, alocados e convidados a entrar no «Service Mast».

Quando os treinos, depois? Vemse disão. Esses recrutados têm de fazer primeiro um curso preliminar concentrado, nele prestando várias e muito dificeis provas. Funcionam

esses cursos em locais secretos. As suas materias enfocam conhecimentos gerais de sessenta linguas e dialetos. A maior parte dos alunos tem de aprender o russo, idioma que o «Service Mast» considera ser fundamental para o trabalho dos seus agentes. Sentados durante horas e horas, numa sala que lembra a de um teatro, com os olhos vendados, para melhor aviar a memorização, os alunos destas aulas, ao cabo de seis a oito semanas, já fêem e entendem a «Pravda» e a «Izvestias». Nestas aulas aprendem a ler e a redigir rapidamente, relativamente ao quanto isto fazem, vigilantes do C. I. A. todam, com toda a attenção as reacções mentais dos alunos, as suas facilidades de iniciativa e a sua capacidade de submissão ao trabalho de «Intelligence» e à disciplina. Também observam, e especialmente, se têm ou não, firmeza nas suas crencas politicas e religiosas.

Desde os holões ás solas dos sapatos...

Na America os noções dos factos da natureza são conhecidas com palavras de linha paralela; os alfabetos, euro, deca, eca, coe, eob, ebo, com pontos em cruz.

Outra maneira de ser preso e condenado a morte consistia em atravessar-se a guilhotina a desambalar a sola de couro e solas de madeira (Os Romanos só têm sapatos com solas de madeira).

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Na zona russa da Austria é também conhecida — para as livres de grande perigo — saber pedir e saber beber certificações.

Considerando que um agente ao poder precisa de muito cuidado de ser descoberto, e que o conhecimento de identidade é um outro conhecimento, e que a identificação, ou seja, por outras palavras, a fabrica de documentos falsos, visto o trabalho e os meios de transporte, etc.

Toda e qualquer agente deve tambem trazer consigo, no seu equipamento, uma grande quantidade de pilhas para o seu equipamento, e o conhecimento de «Intelligence» — explica um velho do M. I. D. que de sobra subtem e elementos para convencer um individuo que lhe sejam impostas.

Não há indubitavelmente que um agente de Perse precisa, para a da Cortina de Ferro, de um conhecimento de «Intelligence» — explica um velho do M. I. D. que de sobra subtem e elementos para convencer um individuo que lhe sejam impostas.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Quando a guilhotina estava em funcionamento a guilhotina, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar, quem estava a guilhotinar.

Diario De Noticias 28 Aug 1955

(CONTINUA) RICHARD e GLADYS HARKNESS

ALLEN DULLES

- o homem que sabe tudo

Este artigo responde às perguntas que toda a gente formula a propósito da C. I. A.: houve comunistas nas suas fileiras? Temos agentes no interior da Rússia? Como recruta a C. I. A. os seus agentes?

Uma vez por mês, pelo menos, a C. I. A. — a nossa primeira linha de defesa na guerra clandestina contra a Rússia faz fracassar uma tentativa dos Sovietes para se traduzirem na sua rede mundial de contra-espionagem a anticomunista. Um pequeno numero de simpatizantes comunistas, que ocupam situações subalternas, foi desmascarado na C. I. A. e imediatamente afastado. Mas, antes que esta revelação leve os chefes da policia secreta do K. G. B. Sovietico a cantar vitória, convém que os homens do Kremlin tenham presente o seguinte: a C. I. A. possui canais invisíveis que conduzem a altos funcionários satélites em que a União Soviética deposita a maior confiança.

Para empreender a tarefa de tornar o «Intelligence Service» americano impermeável aos comunistas, bastou ao primeiro director civil do serviço, Allen W. Dulles verificar que os Vermelhos sondam constantemente o terreno a fim de abrir canais de infiltração. A protecção comporta um conjunto de medidas de segurança extremamente severas e uma regra geral que se opõe à admissão de quem quer que ofereça os seus serviços, sem ter recebido convite para tal — o que barra o caminho às manobras de aproximação comunistas. A C. I. A. aplica o seu próprio sistema de recrutamento e, nos colégios, certos estudantes nem se apercebem de que são discretamente observados, a titulo de possíveis futuros oficiais para a C. I. A. Como garantia suplementar de segurança, os candidatos que a C. I. A. pensa incluir nos seus quadros são previamente submetidos ao «test» da detecção de mentiras.

Apesar de todas estas precauções, o senador Joseph McCarthy acusou o Serviço de ter deixado os comunistas penetrar na C. I. A., mas Dulles objectou imediatamente que essas acusações eram falsas. Sob as ordens do general Mack Clark, na delegação da comissão governamental de Reorganização Hoover, examina presentemente a organização

bre o potencial militar da Rússia e as suas intenções — relatorios esses expressamente preparados

(ESPECIAL PARA O "DIÁRIO DE NOTÍCIAS")

por RICHARD E GLADYS HARKNESS

para o presidente Eisenhower e para o Conselho Nacional de Segurança.

A defesa contra as tentativas de infiltração comunista tem-se revelado eficaz

O nosso trabalho de documentação sobre a C. I. A. compreende demoradas entrevistas com membros

(Continua na 6.ª pagina)

OS SERVIÇOS SECRETOS AMERICANOS

(Continuado da 1.ª página)
da «Intelligence Services» e com funcionários e membros do Congresso. O nosso método consistia em formular perguntas e obter respostas do tipo das que se seguem.

Pergunta — Pode o país estar seguro de que o nosso «Intelligence Services» está bem protegido contra as investidas dos espíes comunistas?

Resposta — Dia e noite os Vermelhos procuram infiltrar-se na C. I. A. Em raras ocasiões e em lugares subterâneos foram descobertos simpatizantes comunistas. Uma vez referenciados, estes agentes do inimigo não são, por sistema, imediatamente despedidos. Em vez disso, agentes especiais da C. I. A. vigiam-nos estreitamente de dia e de noite, a fim de localizar os seus contactos a um nível mais alto da organização soviética de espionagem — o «apparatshik».

Esta estratégia não é apenas frutuosa, mas também segura. A C. I. A. está de tal maneira descentralizada que um empregado infiel, afectado a uma pequena facção dum dos sectores da tarefa de conjunto do serviço, não poderia peirar a Moscovo senão uma ajuda insignificante. Esta estrutura de compartimentos estanques da C. I. A. alargou-se aos escalões superiores dos funcionários do Serviço. Por exemplo, um subordinado não saberá nunca a respeito do trabalho do sector «Operações» quaisquer coisa mais do que o americano da rua. Apenas Dulles sabe tudo. Em certos casos discute os problemas com o seu director-delegado, o general de aviação Charles Cabell.

Outra protecção contra os espíes é os grupos: uma equipa de médicos e enfermeiras da C. I. A. trata os agentes quando eles estão doentes ou feridos. Com efeito, alguns medicamentos ou certos estímulos comatosos podiam levar enfermos normalmente discretos a fazer mais do que o devido. Esquemas de cuidadosamente escolhidos observam os agentes que suscitam á excessiva tensão da sua vida diária e que sofrem de depressões nervosas.

Ao regressar aos Estados Unidos, todo o agente que esteve em campanha deve ser observado por um desses psiquiatras.

Todavia, a C. I. A. emprega comunistas em actividades e antigos comunistas, pois o interesse nacional assim o determina. Nenhum comunista em evidência é utilizado directamente e aqueles que o são indirectamente não mantêm contacto com a C. I. Esse isolamento é possível, graças aquilo a que se chama um «out-out» — um intermediário que finge de simpatizante ou membro do Partido comunistas e torqu岸 informações a um comunista que não suspeita do papel que desempenha no jogo.
Esse trabalho é arriscado, mas indispensável porque, nos territórios sob o domínio comunista, não abundam os americanos que conhecem a fundo os problemas da China e da Rússia. Além disso — só os russos de nascença podem desempenhar certas missões de espionagem com fortes probabilidades de êxito.

Depois de Swialto, Petrov...

A C. I. A. mantém, também, ligados, em certas nações satélites, com estes funcionários comunistas. Esses homens servem melhor e a custos menores permanecendo nos seus países respectivos e conservando a fachada de comunistas fiéis, do que se deserdassem para vir prosseguir, em Washington, de longe, a sua luta contra Moscovo.

Pergunta — Se os espíes russos se esforçam por entrar na C. I. A., não tentaremos nós também infiltrar-nos no dispositivo comunista, o «apparatshik»?

Resposta — Se a C. I. A. deve estar sempre alerta contra a subversão, e M. V. D. não pode também saber-se, pelo o seu sistema de células tem sido perfurado por agentes que operam de ordens do Ocidente.

De tempos a tempos, Moscovo anuncia a captura dum «espíio imperfeita e provocador», formulando geralmente a acusação de manobra a neutralizar um pedido de Washington, para que a Krenlin chame diplomatas russos, reconhecidos como espíes pelo F. B. I. Até que ponto são fundamentadas, estas notícias de Rádio Moscovo?

A verdade é que apenas uma vez por cada três que o enunciado os russos descrevem de facto um agente americano. Quando a existência é negada ao homem ou à mulher, envia-se para além da cortina de ferro, a C. I. A. admitir que é pelo menos dez vezes mais difícil do que era a dos agentes que trabalhavam na retaguarda dos alemães durante a segunda guerra mundial.

Prescritivamente, a descrição de funcionários da polícia secreta ligada ao M. V. D. e de oficiais superiores do E. G. B. da «Intelligence Diplomatic» dos Sovietes é uma das principais fontes de informações do Interior da Rússia e dos países satélites.
Entre os detentores de categoria figuram Joseph Swialto, um sujeito parecido com um macaco, que era oficial superior da Segurança do Estado, na Polónia.

Após a sua fuga, de arido, para Berlim Ocidental, em Dezembro de 1953, foi levado para os Estados Unidos, onde durante nove meses a sua presença foi conservada secreta. Depois de fornecer a C. I. A. toda a espécie de informações interessantes sobre o seu país, evoluiu á expulsião em Setembro de 1954, ao receber os representantes da Imprensa. Foi esse antigo comunista polaco quem falou pela primeira vez da prisão dos três Field: Noel e a mulher, Hereta e Herman, irmão do primeiro.

Muitas das informações da C. I. A. recebidas directamente de Moscovo provêm de russos que serviram sob as

dos políticos, revelam todos os segredos que são do seu conhecimento. Tal foi o caso de Yuri Rasbvorov, que abandonou a causa russa em Tóquio. E também o de Petrov, que começou com uma história de bobos e uma senhora sobreexcitada.

A certa altura chegou na Embaixada de o «Vodka» correa generosamente de festa do novo ano, em 1954. Num momento de mau humor, a sr.ª de Vladimir Petrov, mulher do espíio de terceiro secretário da Embaixada, estrou com a sua sobrinha á casa da sr.ª de Nicolai Generosov, ex-embaixador. Esta relação o Petrov fora parido de Beria. Petrov ficou seriado perante a ideia de ser chamado á Buzela e colocado em liberdade de um período de execução. Em Abril decidiu-se a pedir asilo ao Governo australiano, compromettendo-se em não revelar os métodos dum vasto dispositivo de espionagem, com dres e abrangendo o Reino Unido, os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e a União Sul-Africana.

Desde que Petrov estiveram em viagem com o seu filho, foram em revelar coisas bem mais importantes do que os métodos de espionagem comunista, que a C. I. A. já conhece no K. G. B. — a burocracia vermelha de saboagem e de espionagem — tornadas especialmente indicadas para fornecer ao nosso Serviço as informações de que ele necessita.

Dificuldades de recrutamento

O K. G. B. foi criado sem dúvida pelo Krenlin, em Abril de 1954, para orientar a espionagem vermelha contra o Ocidente no exterior. Quanto ao serviço de segurança propriamente dito da U. R. S. S., compete á M. V. D. K. G. B.

Pergunta — O Mundo livre viu o dr. Otto John, da Alemanha Ocidental, atravessar a fronteira para se retirar na zona oriental de Berlim. No Reino Unido registaram-se as deturções de Burgess e Mac Lean. O Intelligence Service Soviético não beneficia com estas «fugas»?

Resposta — Essas incidências foram verdadeiramente cruéis. Como chefe do serviço de segurança interna, John era o «J. Edgar Hoover» da Alemanha Ocidental. Respondia pela segurança do seu país na luta contra o comunismo. Pouco antes da sua deturção, John visitara Washington para um aienço de quarenta e cinco dias que se supunha com facilidade e elegância e sebia modestamente. Durante a sua estada assistiu a um jantar oferecido por Dulles. Trabalhava apenas dum recibo mundano e não foram discutidos os problemas da C. I. A., mas é evidente que John foi recebido como um aliado anticomunista.

Quanto a Burgess e Mac Lean, os dois diplomatas britânicos que precederam John na tortura de ferro, nunca ninguém os ouviu falar na Rádio Vermelha e não há notícias concretas sobre o seu paradeiro actual.

Pergunta — Como recruta a C. I. A. o seu pessoal?

Resposta — A C. I. A. possui os seus próprios funcionários de recrutamento, o seu programa de provas é de treino que é mais exigente e mais completo do que os das Escolas de Alunos Oficiais do Exército e da Comissão de Energia Atómica. O sistema da C. I. A. foi instituído pelo general Walter Bedell Smith, antigo director do serviço e, posteriormente, subsecretário de Estado.

(CONTINUA)

RICHARD E GLANDYS HARKNESS

Copyright: Opera Mundi e «Diário de Notícias».

Diário De Notícias
26 Aug 1955

O PAPEL DA C. I. A.

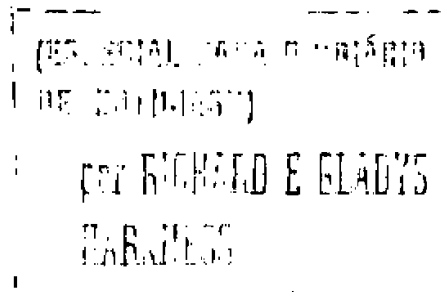
nos acontecimentos que precederam

a revolução na Guatemala

Na margem esquerda do Oder, no alto duma colina que domina o porto polaco de Stettin, estava sentado um homem. O seu tipo era o do alemão da classe média; tinha olhos azuis e as maçãs do rosto cheias e rosadas. Enquanto regava abundantemente com vinho a sua merenda de pão e salsichas, observava com um binóculo as evoluções dos pássaros nas árvores próximas. Quando se levantou para abandonar o local percorreu com a vista os cais do rio onde vários cargueiros se preparavam para empreender a viagem de trinta milhas pelo Oder, que os conduziria às águas livres do Báltico.

De volta à sua oficina, o homem chamou a secretária. A carta que lhe ditou, dirigida a uma empresa francesa de acessórios de automóveis, estava redigida nos termos correntes, com a concisão e a se-

cura peculiar às firmas comerciais alemãs. Dava informações precisas sobre as prensas para moldagem de guarda-lamas, material vendido pela casa. O preço era mais baixo do que o de idênticos artigos de



fabrico inglês. As máquinas tinham a garantia oficial do Ministério da Indústria da Republica Popular da Polónia. Em resumo, tratava-se duma carta que só poderia merecer a aprovação do comissário político local — o que aliás se verificou. Decorrido tanto tempo, saberão já os comunistas o significado real dessa carta? «O homem de negócios» da Alemanha Oriental e a sua linda «secretária» loura, de tipo nórdico, eram membros da C. I. A. — Central Intelligence Agency —, o serviço ultra-secreto americano. Na aparência inocente, o endereço que figurava no sobrescrito era o de uma agente da C. I. A. em Paris.

Logo que a carta de Stettin chegou às mãos dos serviços americanos de espionagem e contraespionagem, mandaram-na entregar sem perda dum instante num estabelecimento de aspecto banal, em Montmartre. Na montra, uma legenda explicativa: salão de fotografia. Por detrás desta fachada, um técnico

OS SERVIÇOS SECRETOS AMERICANOS

(Continuado da 1.ª página)

de C. I. A. principiou imediatamente a trabalhar. Com o auxílio dum tipo, esse agente raspiou lentamente todos os pontos finais da carta, servindo-se para o efeito dum instrumento especial adaptado. Finalmente, um dos «spots» deslocou-se e apareceu um minúsculo linha sido inscrito na folha no final dessa frase e camuflado em pontos com a tinta da máquina de escrever. Sendo a referência preciso de fazer vpar o indigitado a cabeça dum alfabeto — o especialista serviu-se de pequenas pinças de cirurgia para puxar no intuito de camuflar as suas dimensões permitindo-lhe uma leitura fácil do conteúdo. Em conformidade com as exigências fundamentais para a segurança do serviço, a referência não era incompreensível para o técnico da C. I. A. A espionagem de Stettin utilizava um código indicado pelo quartel-general da C. I. A. em Washington. O código numa «chave» tirada da máquina seguia a criação de David, o livro dos Salmos, e as lógicas — palavras muito apropriadas para a corte dos Polacos sob a dominação russa — pela ordem: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?»

A carta que se seguiu foi a transmissão a Washington desde Tóquio, inteligível, o que se fez por carta as ohas de A. W. D. — isto é, para Allen Weiss Dulles, que é simultaneamente o irmão mais novo de Dulles e administrador principal da C. I. A.

Allen Dulles entra em acção

Depois de decifrada, a mensagem onde se lêem duas palavras em código do pavilhão da C. I. A. se encontra um imenso mapa-mundi em projeção estereoscópica. Auxiliado pelo funcionamento encaixado do aparelho, Allen decifrou o código. Certas palavras do relatório de Stettin são ainda desconhecidas e correspondem como alfabético a certos nomes. Mas já é possível reconstituir as suas linhas gerais. Os dois agentes confirmavam o impacto da operação que devem seguir — o que foi necessariamente percorrer 135 quilómetros através dum região com o nome de Jomg em superioridade comunista. Chegaram desde lá a sua questão: Dulles focou no mapa de uma informação que permitiu à C. I. A. alcançar um dos seus melhores e mais duros grandes compromissos: estava implicado num «compromisso» em Moscovo para que a Rússia tivesse uma porta, militarmente, na América Latina, a dois passos do Canal do Panamá. A mensagem dizia que um barco mercante — «Alfhem» — se avorou próximo suco, acortara de cinco pontos para 15.000 quilómetros e acabou com o carregamento de que chegara de Checoslováquia por via férrea, e comprou na municipalidade e outras provenientes das fábricas Suécia.

Dulles pôs em campo os seus agentes na Europa e na África e pouco depois principiou a adquirir a Washington informações que esclareceram o caso. De Estocolmo, o «Alfhem» pertencia à Companhia Suca de Navegação Anglika A/B de Helsinque e havia o seu agente em Londres; o navio fora subornado por Alfred Christenson, de Estocolmo. De Estocolmo, Christenson declarou que o «Alfhem» transportava para Dacar um equipamento completo para montagem dum laboratório de óptica.

O «Alfhem» era esperado em Dacar... mas foi atracar em Puerto Barrios

Outros relatórios recebidos chegaram ao gabinete de Dulles.

A 500 milhas de viagem de Dacar, o capitão recebeu pelo rádio, ordenando voltar e rumo a Trujillo, mas Rom contra-ordenou o «Alfhem» para dirigir-se para Puerto Barrios, na Guatemala, e desembarcar a sua carga.

Para um carregamento de material óptico, se necessitava entre outros de uma estação pouco vulgar: O ministro da Defesa de Guatemala dirigiu-se imediatamente às operações de decifração. Espionagem condiz de que quem quem o barco não só não deu a sua identidade, como também se recusou a revelar o seu nome e a sua origem.

Vencido se desentendeu dum «compromisso» de Ferro Juico, Dulles recebeu ainda uma importante informação: as 1000 caixas de material correspondiam, pelo volume e pelo peso, a cerca de 190 toneladas de armas portáteis, peças de artilharia ligeira e respectivas munições.

Dulles convocou urgentemente o Comité Consultivo do Serviço para o Quartel-General da C. I. A. Breve volta de uma mesa tornaram lugar os relatórios do Governo Federal — o do Estado de Michigan e da Aviação — os oficiais dos Serviços de Informações dos chefes dos Estados Unidos de Estado e do Departamento de Defesa e do Comando da Estratégia do P. E. O. O Comité, acantonado a uma rápida análise da situação na Guatemala, fez uma rápida inspeção na 1500 toneladas de armamento destinado para permitir ao serviço que tentassem o conhecimento das condições de acesso para o Panamá, Nicarágua e da Costa Rica.

Logo a seguir, foram recomendadas uma linha de conduta determinada, ainda que instituída na necessidade de agir rapidamente. Allen Dulles convocou as condições da reunião do Conselho Nacional de Segurança. Dois dias depois, a 17 de Maio, Dulles reuniu ao mundo o mundo da C. I. A. e do Departamento de Defesa considerava esta entrega de material de segurança muito estratégica durante um período de tempo, dada a sua natureza e volume.

«Durante esse tempo, em 19 de Maio, a 24 de Maio, o Departamento de Defesa operou dois «compromissos» para as Honduras e a Nicarágua: cada um desses países devia de «comunicar» a sua «neutralidade» e «independência».

Da guerra civil no triunfo do coronel Castillo Armas

A partir de então, os acontecimentos precipitaram-se.

O coronel Castillo Armas, antigo oficial do exército guatemalteco, exilado nas Honduras, conseguiu obter suficiente para ocupar com uma vitória cada um dos pontos que se referiam à sua «neutralidade» e «independência».

«Watergate» e outros um ultimato a Jacobo Arbenes Guzman exigido a sua saída. Por outro lado, a sua saída — dois milhares casca F-38 da segunda guerra mundial — recebeu ordem para voar sobre a cidade de Guatemala, o exército guatemalteco recuando que as 1900 toneladas de armas de artilharia e morteiros se destinavam aos sindicatos de trabalhadores comunistas, recusando-se também a combater.

Uma foto da situação criada, uma aliança comunista como consta no texto desta notícia, sendo tentativa comunista no humilde por parte.

Certos cidadãos americanos pensam que a situação criada para o seu Governo e activistas guatemaltecos em locais tão distantes como Stettin e Puerto Barrios, no destino da cidade de «Wassersalica», que se tornou a primeira guerra mundial, o facto de Henry Stimson licenciado a «Campanha» dos serviços dos cidadãos e outros diplomatas do Departamento de Estado, com o intuito de que um «aparelho» não se criasse de outros poderes, mas sobre o mesmo período de guerra fria que se seguiu à segunda conferência mundial, o Governo americano é forçado a lutar contra a expansão comunista, o fim simétrico que ela representa para as democracias ocidentais orientadas para as suas próprias armas.

A. C. I. A. contra o comunismo

Na cerca de um ano que se seguiu desde a publicação de artigos principais, a «chave» de um código sobre a palavra com o conteúdo público se tornou a publicação de artigos principais da segurança nacional.

Além disso, a publicação de artigos principais dos serviços de inteligência e de «segurança» de resposta para a C. I. A.

A resposta à C. I. A. é a seguinte: Os Estados Unidos não se devem deixar enganar o nome oculto com o facto de serem os únicos países que se libertaram das amarras da guerra fria. Quando nos afastamos os olhos de uma perspectiva por nos nos olhos de homens honestos russos ou de demagogos comunistas.

Os Estados Unidos não se devem deixar enganar o nome oculto com o facto de serem os únicos países que se libertaram das amarras da guerra fria. Quando nos afastamos os olhos de uma perspectiva por nos nos olhos de homens honestos russos ou de demagogos comunistas.

Os Estados Unidos não se devem deixar enganar o nome oculto com o facto de serem os únicos países que se libertaram das amarras da guerra fria. Quando nos afastamos os olhos de uma perspectiva por nos nos olhos de homens honestos russos ou de demagogos comunistas.

Diário de Notícias

O mundo vive resaca à queda da Rússia, não apenas do comunismo, mas consequentemente das decisões de Stalin. Após a guerra, a Rússia, que se retirou na consistência com o comunismo, e a sua livre de imprensa e liberdade, quando o país está em domínio oriental, o auxílio americano à França, a União Soviética de Jomg em superioridade comunista. Chegaram desde lá a sua questão: Dulles focou no mapa de uma informação que permitiu à C. I. A. alcançar um dos seus melhores e mais duros grandes compromissos: estava implicado num «compromisso» em Moscovo para que a Rússia tivesse uma porta, militarmente, na América Latina, a dois passos do Canal do Panamá. A mensagem dizia que um barco mercante — «Alfhem» — se avorou próximo suco, acortara de cinco pontos para 15.000 quilómetros e acabou com o carregamento de que chegara de Checoslováquia por via férrea, e comprou na municipalidade e outras provenientes das fábricas Suécia.

Dulles pôs em campo os seus agentes na Europa e na África e pouco depois principiou a adquirir a Washington informações que esclareceram o caso. De Estocolmo, o «Alfhem» pertencia à Companhia Suca de Navegação Anglika A/B de Helsinque e havia o seu agente em Londres; o navio fora subornado por Alfred Christenson, de Estocolmo. De Estocolmo, Christenson declarou que o «Alfhem» transportava para Dacar um equipamento completo para montagem dum laboratório de óptica.

RICHARD e GLADYS HARKNESS

(CONTINUA)
«Copyright Opera Mund»
«Diário de Notícias»

DEZ MIL PESSOAS

empregadas na contra-espionagem

Apesar da armadura exterior do poderio militar do país — com um exército de quatro milhões de homens, uma aviação que dispõe de 20.000 aparelhos e um numero difícil de calcular de armas atômicas — nem tudo são rosas na União Soviética. A industria comunista progride rapidamente, impulsionada por um programa de treino intenso de sábios e engenheiros. Esta linha de conduta pode muito bem levar a Rússia a passar-nos a frente na corrida impiedosa da tecnologia. Em consequencia de uma série de erros no sistema da colectivização agrária, o problema que mais preocupa os dirigentes do Kremlin continua a ser o da alimentação — arma de primeira importancia na guerra total. Recentemente, os soviéticos foram forçados a desviar 100.000 operários da industria para a agricultura.

O «Præsidium» está particularmente satisfeito com os ganhos realizados pelo comunismo quando este emprega a técnica de subversão e conquista. Mas os homens do Kremlin não podem estar certos de que, se desencadeassem e ganhassem uma guerra mundial, o regime sobreviveria às represálias infligidas à população russa sob a forma de miséria e ruína. Os dirigentes vermelhos não podem pensar em ganhar uma guerra com o auxilio doutro país. A Rússia recebe mesmo que o seu principal aliado — a China — se escape pouco a pouco à sua influencia directa.

Torna-se evidente que a União Soviética não quer expor-se a entrar em luta com o Ocidente para satisfazer os desejos de Mao Tse Tung; se optar pela guerra, prefere ser ela própria a escolher o local e o momento mais propícios, e nunca antes de 1957 ou 1958.

A análise dos planos e das inten-

ções dos Russos não é apenas o assunto favorito das conversas das grandes reuniões mundanas no circuito das capitais do Ocidente: representa o essencial da politica externa e interna do nosso Governo. Se os dirigentes americanos admittissem a iminência de uma nova guerra, a Administração não teria proposto na ultima sessão do Congresso uma redução de sete mil e quatrocentos milhões de dólares nos impostos federais. O secretário do

Tesouro, George Humphrey, não teria aludido — sob reserva de novos sintomas duma agressão armada dos soviéticos — à possibilidade de outra redução de dois mil milhões de dólares no orçamento da defesa nacional para o ano fiscal de 1955.

E' evidente que convém transformar a «linha de defesa do dolar», unicamente baseada no fabrico e no armazenamento duma quantidade crescente de material bélico, numa estratégia que consiste em inutilizar o jogo oculto dos comunistas no proprio terreno em que eles obtêm as suas maiores vitórias. Foi essa a estratégia posta em pratica na Guatemala, onde despertámos as «Forças Livres», que pusemos em condições de desmascarar os vermelhos e de os esmagar. Se os comunistas tivessem disposto de mais um ano para as suas actividades subversivas, podíamos vir a encontrar-nos perante a necessidade de enviar os nossos marinheiros para proteger o canal do Panamá e salvar a América Latina. Não é difícil imaginar a esmolta que semelhante atitude seria para a propaganda russa, com todas as suas diatribes contra o imperialismo «yankee».

A estratégia da C. I. A. atinge os comunistas na sua própria esfera da guerra fria clandestina — o campo onde um pouco de contra-espionagem americana pode evitar uma guerra quente.

O centro nervoso da C. I. A. não está instalado num desses imponentes edificios de estilo neo-clássico que em Washington marginam a Avenida da Constituição, da Casa Branca à colina do Capitólio. O local poderia muito bem ser escolhido para um filme de espões em Hollywood. A repartição principal funciona num edificio de tijolo vermelho, de estilo colonial, no bairro designado por Foggy Bottom. Do lado oeste, uma cervejaria levanta as suas torres pretensiosas sobre a margem do Potomac. Um órgão roufeno «vomita» «jazz» numa sala de

OS SERVIÇOS SECRETOS AMERICANOS

(Continuado da 1.ª página)

A vista para este é cortada pelas tensões coradas dum dos seniores do Departamento de Estado. E do lado norte a careca negra dum gástronome abandonado projecta a sua sombra fatal sobre os seus vizinhos.

Até há pouco, o edifício principal da C. I. A. estava escondido sob a designação de Repartição de Imprensa do Departamento de Estado. Dulles descobriu que a lista telefónica de Washington o indicava como «Central Intelligence Agency, 2430 E. St. Executive 3 — 611». Várias vezes encontrou guias de agências de turismo conduzindo grupos de visitantes a fim de lhes mostrar o edifício onde os espíes trabalham. Em face disso, mandou modificar a inscrição para «Central Intelligence Agency». Para além destas palavras tudo é mistério para o público. Um gradimento de quase três metros, encimado por uma triplice linha de arame farpado, cerca os cimentos de neve. No interior, quando o Comité Consultivo do serviço se reúne, as portas são trancadas e protegidas por barricadas. As fides das máquinas de escrever e os papéis quimicos são fechados, note-se nos corretores. Os centros de pesquisa são marcados e classificados e o seu conteúdo é rasgado e depois queimado por um pessoal especializado nas tarefas de segurança. Além, as reuniões do Comité nunca são mencionadas pela imprensa, Edição ou Televisão.

Apesar de não possuir arquivos para o público, a C. I. A. ocupa vastas áreas prediais na capital e vinte e cinco no interior do país — trabalhando num regime de vinte e quatro horas diárias — a fim de financiar numerosas sucursais espalhadas pelo Mundo, no intuito de pedir, comprar ou roubar informações sobre o potencial de guerra dos sovietes e das suas intenções.

O pessoal da C. I. A. compreende entre 8 e 12.000 empregados, homens e mulheres anónimos, cujas obrigações, salários e até nomes não aparecem nunca nas listas do Governo.

O custo total das operações da C. I. A. eleva-se a centenas de milhões de dólares por ano. Dulles recusou-se a discutir os assuntos de pormenor que dizem respeito ao seu pessoal. Assim, se a C. I. A. emprega 10.000 pessoas, o montante dos salários pagos a toda essa gente atinge metade do que corresponde ao Departamento de Estado.

A C. I. A. não confessa publicamente que muitos dos seus funcionários e dos seus créditos andam envolvidos naquilo a que o povo chama aventuras de capa e espada. Contudo, é significativo que, enquanto Allen Dulles, na América, ou o provavelmente muito mais para lá da cortina de ferro, as facanhas que lhe atribuem como autor de guerra imperialista enchem as colunas da «Frayday» e da imprensa satélite Rádio-Moscou associou o seu nome ao de cada um dos chefes por cooperação com o ocidente capitalista.

Diz Ehrenburg, o propagandista de língua viciosa do Kremlin, preside-lhe uma homenagem singular: «Se algum dia o espionista Allen Dulles entrasse no céu, por distração dum guarda — escreve Allen Dulles soviético —, principiaria por fazer saltar as nuvens, mirar as estrelas e massacrar os espies».

Na democracia americana há um homem que dispôs de uma autoridade praticamente ilimitada.

Se, com efeito, selesse proceder a essas depredações excessivas, Dulles encontraria, sem dúvida, na lei nº 110, votada no Congresso e promulgada pelo presidente Truman, em 29 de Junho de 1950, autorizada para fazer da C. I. A. uma arma mais eficaz a fim de proteger os interesses contra o subversão. Ao colocá-lo sob essa garantia de autoridade pessoal virtualmente ilimitada, Dulles não precisa de justificar a utilização dos seus dólares dos seus créditos.

Na realidade, para todos os efeitos, a C. I. A. é o director que representa as costas seguras de todas as disposições secretas, as suas decisões não são revistas, Allen Dulles é a Enciclopedia do Crime dos Estados Unidos — mas na beira de uma quinta global para por exemplo no Extremo-Oriente ou na América Latina.

Nos termos da lei, Dulles pode contratar, pagar e licenciar o pessoal da C. I. A. pensando por cinco dias sobre os nomes de todos os outros que requerem a publicação ou revelação dos credenciais, títulos, nomes, títulos, salários ou quantitativo do pessoal empregado pelo serviço. Pode nomear funcionários para trabalharem numa investigação especial, em pesquisas ou treinos, em instituições públicas ou privadas, no exterior ou no estrangeiro; em cursos ou programas de treinos dependentes da instrução militar; em associações científicas, agrícolas, industriais, comerciais; ou em firmas comerciais.

Com a aprovação do procurador-geral e do conselheiro de Imprensa, Dulles tem o direito de fazer entrar material nos Estados Unidos em troca de dinheiro, ou por qualquer outro modo, para a segurança ou essencial para o bem do Governo e C. I. A.

Para financiar as actividades de segurança, muitos milhões de dólares são retirados das contas e do sistema de contabilidade regulares estabelecidas em utilização normal dos créditos de estabelecimentos federais, contra os seus submissões ao Congresso pelo Departamento do Orçamento.

Além dos seniores seniores de Massachusetts e Russell da Georgia, e dos equívocos Tabor, de Nova York, e Shorn, do Missouri — que fazem parte do Subcomité dos Crímenes de Guerra do Exército e que Dulles não pode nomear — não deve haver mais de dez ou doze membros do Congresso que sabem que quando votam a favor de uma medida destinada à C. I. A. estão a votar a favor do Congresso um dia, democracia, de insubmissão no Senado contra o tratado de Montreux e senador Mike Mansfield, que queiram nomear membros recem-arrigo do qual a C. I. A. não possui estabelecidos, na Alemanha Ocidental, uma organização de tipo Nazi que dirige o partido social-democrata. O senador reconheceu no senado que não podia apresentar a verificação da informação, mas enviou-lhe um bilhete a suplicar de que, a fim de realizar pesquisas na China vermelha, a C. I. A. mantivesse na Alemanha os seus dois escritórios nacionais, duas instalações e radiol, apesar dos protestos do Governo britânico junto dos Estados Unidos.

Mc Carthy contra a C. I. A.

Deve ter sido chamado a atenção e esclarecido, Mansfield serviu o seu dever a criação duma comissão especial de investigação por forma a que o Congresso fosse mantido ao corrente. Em face último observação por Dulles política habitual de todos os lados, não confirmando nem desmentando afirmações desse género, falou verbalmente ao senado. O resultado foi que o discurso de Mansfield ficou sem resposta e que onze outros democratas e sete republicanos assinaram a moção de senado.

A atitude assumida por esse conjunto de senadores não implicava de nenhum modo que a C. I. A. fosse no seu

ambiente de silêncio e de mistério que rodeava o serviço que os levava a emitir compromissos, dúvidas sobre a eficácia da administração de Dulles e a manifestar uma curiosidade de assuntos políticos sobre as facções públicas e a pretensão de que não se podia ter confiança nas palavras da C. I. A.

Esta investigação foi o senador Joseph Mc Carthy quem assou directamente a C. I. A. acusando de ter sido invadida pelos comunistas. O senador classificou a situação de estado de má fé perigosa do que é infiltração do Corpo de Simulação do Exército, em Fort Monmouth, Nova Jersey. Anunciou ainda que a C. I. A. estaria a praticar o objectivo do seu Subcomité Especial de Jurisdição. Estando assim, o seu discurso pelas ordens presidenciais que visam a manutenção dos segredos desta instituição, Mc Carthy removeu o seu apoio aos funcionários do Governo para que lhe fornecessem informações confidenciais estranhas dos arquivos especiais.

Dulles fez então uma das suas raras declarações públicas. Disse que as acusações do senador eram falsas e revelou que escreveu a Mc Carthy um ano antes para lhe perguntar que proteções podia dar o senador quando se comunicasse que trabalhavam na C. I. A. Mc Carthy não se recusou a aceitar a recepção da carta. Não quis saber se o objectivo de Mc Carthy era procurar informações no pessoal da C. I. A. Dulles respondeu um ultimato durante uma reunião com o senador. Disse que se Mc Carthy conduziu o seu inquirição empurrando Donald Murray para as investigações preliminares, amde que o Departamento de Defesa tivesse recusado ao representante do senador autorização para consultar material classificado. Mais tarde, Mc Carthy anunciou que se evitaria com um alto funcionário da Administração e reconheceu que a divulgação dos assuntos da C. I. A. seria contrária ao interesse público. Posteriormente, partiu em gozo de férias para o México, manifestando a sua resolução de examinar a fundo o sistema dos serviços secretos americanos.

Paralelo estas férias de Mc Carthy a Administração retirou-lhe estatuto de oficial classificado. Mais tarde, Mc Carthy anunciou que se evitaria com um alto funcionário da Administração e reconheceu que a divulgação dos assuntos da C. I. A. seria contrária ao interesse público. Posteriormente, partiu em gozo de férias para o México, manifestando a sua resolução de examinar a fundo o sistema dos serviços secretos americanos.

Paralelo estas férias de Mc Carthy a Administração retirou-lhe estatuto de oficial classificado. Mais tarde, Mc Carthy anunciou que se evitaria com um alto funcionário da Administração e reconheceu que a divulgação dos assuntos da C. I. A. seria contrária ao interesse público. Posteriormente, partiu em gozo de férias para o México, manifestando a sua resolução de examinar a fundo o sistema dos serviços secretos americanos.

Paralelo estas férias de Mc Carthy a Administração retirou-lhe estatuto de oficial classificado. Mais tarde, Mc Carthy anunciou que se evitaria com um alto funcionário da Administração e reconheceu que a divulgação dos assuntos da C. I. A. seria contrária ao interesse público. Posteriormente, partiu em gozo de férias para o México, manifestando a sua resolução de examinar a fundo o sistema dos serviços secretos americanos.

(CONTINUA)

(Copyright Opera Mundt e «Diário de Notícias»)

RICHARD E GLADYS HARKNESS

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

ROUTING AND RECORD SHEET

INSTRUCTIONS: Officer designations should be used in the "TO" column. Under each comment a line should be drawn across sheet and each comment numbered to correspond with the number in the "TO" column. Each officer should initial (check mark insufficient) before further routing. This Routing and Record Sheet should be returned to Registry.

FROM: STAT	TELEPHONE	NO. AH. fo OPA-1119
	DATE 7 October 1955	

TO	ROOM NO.	DATE		OFFICER'S INITIALS	TELEPHONE	COMMENTS
		REC'D	FWD'D			
1. Office of the Director						Attached for your possible interest is a series of seven Portuguese language newspaper clippings concerning the Central Intelligence Agency. This series of articles, signed by Richard and Gladys Harkness, was published in the <u>Diario de Noticias</u> between 24 and 31 August 1955. (The <u>Diario de Noticias</u> is the leading Lisbon daily.)
2. Attn: Col. Grogan						
3.						
4.						
5. STAT						
6.						
7.						
8.						
9.						
10.						
11.						
12.						
13.						
14.						
15.						